

ELIPSE E SUBSTITUIÇÃO EM RÉPLICAS DE SIM/NÃO E QU-

Maria Fabíola Vasconcelos Lopes*

Resumo

Este trabalho pretende mostrar como os mecanismos de coesão da elipse e substituição se processam em meio à réplicas envolvendo sim/não e tipo Qu-. Para tal finalidade, nos basearemos em Halliday e Hasan e na análise de alguns casos.

Palavras-chave: elipse, substituição, réplicas.

Abstract

The aim of this work is to show how the cohesion devices such as ellipsis and substitution occur within rejoinders involving yes/no and wh- questions. In order to do so, we will base our work in Halliday and Hasan as well as in the analysis of some cases.

Key words: ellipsis, substitution, rejoinders.

SUBSTITUIÇÃO E ELIPSE

A substituição e elipse desempenham um papel importante na construção do sentido do texto porque dão continuidade ao discurso pela não repetição da informação dada, recuperável no texto, enquanto dão proeminência à informação nova.

Esses dois recursos coesivos, segundo Halliday & Hasan (1976:88) e Halliday (1985:297), fazem parte do mesmo processo; ou seja, na substituição um item pressuposto é substituído por uma pró-forma; já no caso da elipse, o item pressuposto é substituído por zero. Os recursos gramaticais são diferentes. Porém, tanto na substituição como na elipse, as relações coesivas que se estabelecem são essencialmente anafóricas.

Os tipos de substituição e elipse são definidos gramaticalmente; o critério é a função gramatical do elemento que é o objeto da substituição ou da elipse. São três os ti-

pos: nominal, verbal e oracional, mas a substituição nominal e a elipse nominal estão fora do escopo de nosso trabalho, portanto apresentaremos os processos gerais de substituição e elipse oracional e verbal, tratando separadamente a elipse em réplicas.

A descrição gramatical adotada terá como base os estudos de Halliday & Hasan (*ibid*) e Halliday (*ibid*).

A substituição ocorre através da pressuposição; isto é quando o elemento pressuposto poderia ter sido repetido, sendo portanto, recuperável no contexto lingüístico.

Para Halliday & Hasan (*op. cit.* 131-4), a substituição oracional pode ocorrer, tal como ilustram os exemplos abaixo, no discurso relatado, em orações condicionais e em orações modalizadas. O discurso relatado não se refere apenas aos verbos de “dizer” (dizer, contar, explicar, perguntar, etc.), mas também aos verbos de “pensar” (pensar, achar, acreditar, esperar (= *hope*), supor, etc.).

(1) ‘... If you’ve seen them so often, of course you know what they’re like’.

I believe so. ‘Alice replied thoughtfully’. (discurso relatado)

[(That)] I know what they’re like]

(2) Ought we to declare our winnings? – It says not. (discurso relatado)

[we ought not to declare our winnings]

(3) Everyone seems to think he’s guilty. If so no doubt he’ll offer to resign.

[he’s guilty] (condicional)

(4) We should recognize the place when we come to it. - Yes, but supposing not:

Then what do we do? (condicional).

[We don’t recognize the place when we come to it]

(Halliday & Hasan, 1976: 131-134)

(5) ‘You think he’s dead, don’t you?’ - I’m afraid so. Sally! (discurso relatado).

[that he’s dead]

(Cobuild, 1990:392)

* Professora Assistente do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC (Mestre).

(6) 'Oh, I beg your pardon!' cried Alice hastily, afraid that she hurt the poor animal's feelings. 'I quite forgot you didn't like cats.'
 'Not like cats!' Cried the Mouse, in a shrill, passionate voice. 'Would you like cats if you were me?'
 'Well, perhaps not,' said Alice in a soothing tone: ... (modalidade).
 [I would not like cats if I were you]
 (Halliday & Hasan, 1976:134)

A substituição oracional pode ocorrer em cada um desses ambientes de forma positiva, representada por *so* ou negativa expressa por *not*.

Enquanto no primeiro ambiente, discurso relatado, a substituição positiva ou negativa sempre ocorre em relações declarativas; no segundo ambiente, ou seja, o da estrutura do condicional, é freqüente encontrarmos os substitutos *so* ou *not* antecedidos de *if* ou ainda acompanhando as formas *assuming so*, *suppose not*. Já no terceiro ambiente, *so* e *not* substituem orações que expressam modalidade. A modalidade permite o acesso por parte do falante às probabilidades inerentes a uma dada situação podendo ser expressa através das formas dos auxiliares modais (*will*, *would*, *could*, *may*, *might*, *should*, *is to*, *ought to*) ou advérbios modais (*probably*, *certainly*, *possibly*, etc.).

SUBSTITUIÇÃO VERBAL

A substituição verbal se processa através do verbo *do* e de suas formas flexionadas: *does*, *did*, *doing* e *done*. Como elemento de coesão, *do* é vazio de significado, pois se alterna com o zero. Com isso queremos dizer que *do* atua no ambiente do novo, mas aquilo ao que se refere é pressuposto no texto precedente. Pode aparecer que *do* substitui todo o predicado de uma oração, porém pode aparecer substituindo somente o verbo principal ou ainda acrescido de outros elementos da oração, como nos exemplos abaixo:

- (7) ... The words did not come the same as they used to do.
 [come]
 (8) He never really succeeded in his ambitions. He might have done,
 [succeeded in his ambitions]
 one felt, had it not been for the restlessness of his nature.
 (9) Does Jean sing? – No, but Mary does.
 [sings]
 (10) Has anybody fed the cat? – Somebody must have done.
 [fed the cat]
 (11) Did anybody feed the cat? – Somebody did.
 [fed the cat]
 (Halliday & Hasan, 1976:112-118).

Tal qual *do*, a expressão *do so* também atua no ambiente do novo convergindo a informação já conhecida

para o mesmo significado da ação, acontecimento ou relação referida anteriormente.

- (12) Just finish off watering those plants. And let me know when you've done so.
 done so: subst. [watered those plants]
 (13) She asked him to wait while she considered. He did so.
 did so: subst. [waited]

Ocorre uma pequena diferença de significado entre *do* e *do so*. Ao se acrescentar a forma com *so* tem-se como ponto de informação precisamente o elemento verbal mencionado anteriormente. Nessa situação *so* é obrigatório. Por outro lado, o ponto da informação pode incidir sobre o *do* quando não existe elemento de contraste presente como em (14) onde *do* não funciona como substituto.

O verbo *do* além da função de substituto envolve quatro outras funções: verbo lexical, verbo geral, pró-verbo e auxiliar. A função lexical envolve o *do* comumente usado na língua inglesa (14). A função de verbo geral ocorre em expressões como 'They did a dance' igual a 'They danced'; tais expressões envolvem itens lexicais com significados mais gerais (15). A função pró-verbal refere-se a processos ou ações não identificados ou não específicos (16). E por último a função de auxiliar expressa os tempos presente ou passado em contextos específicos como interrogativa, negativa ou positiva marcada, como em (17) e (18), sendo que o (18) introduz o auxiliar com função elíptica.

- (14) He ought to be doing his homework. – he's doing it.
 (15) 'A little kindness – and putting her hair in papers – would do wonders with her.'
 (16) What was she doing? – She wasn't doing anything.
 (17) Does she sing? – She doesn't sing. – She does sing.
 (18) Does she sing? No, she doesn't. – Yes, she does.
 (Halliday & Hasan, 1976:124-127)

ELIPSE

A elipse é um elemento de coesão que se estabelece a nível formal entre um elemento elidido e um outro anteriormente mencionado.

ELIPSE ORACIONAL

A elipse é definida por Halliday e Hasan como substituição por zero e pode ser total ou parcial.

A elipse oracional total ocorre mais comumente em respostas a perguntas de sim/não e Qw- como nos seguintes exemplos:

- (19) Can you row?
 -Yes.
 [I can row]

(20) *Is that all?*

- *No.*

[*That's not all*]

(21) *Was John playing the piano?*

No. Peter was though.

[*John wasn't playing the piano*]

(Halliday, 1985:297-299)

Segundo Halliday e Hasan (1976;197) uma oração possui duas sub-partes, consistindo **do elemento modal (sujeito + forma verbal finita) + elemento proposicional (resíduo)**, como exemplificados em (24).

(22) *The Duke was going to plant a row of poplars in the park.*

elemento modal **elemento proposicional**

Os dois tipos de elipse oracional parcial são derivados dessa divisão da oração em elemento modal e elemento proposicional, às vezes ocorrendo elipse do elemento modal, outras vezes do elemento proposicional como em:

(23) *What was the Duke going to do? – Plant a row of poplars in the park.*

[*The Duke was going to*]

(elipse do elemento modal)

(24) *Who was going to plant a row of poplars in the park?*

- *The Duke was.*

[*going to plant a row of poplars in the park*].

(elipse do elemento proposicional)

(Halliday & Hasan, 1976:197-98)

ELIPSE VERBAL

A elipse verbal ocorre dentro do grupo verbal e compreende dois tipos: elipse do verbo lexical (= verbo principal) e elipse do(s) verbo(s) auxiliar(es):

(25) *Have you been swimming? – Yes, I have.*

[*been swimming*]

(26) *What have you been doing? – Swimming.*

[*I have been*]

(Halliday & Hasan, 1976:137)

Ocorre a elipse verbal lexical, quando o verbo não aparece no grupo verbal. Um grupo verbal com *did* como na resposta em (27) tem a função enfática do auxiliar, correspondendo à forma não elidida [*she*] *did know*. Já no exemplo (28), o mesmo auxiliar aparece com a função de substituto, correspondente a [*Mary*] *Knew*.

(27) *Did Jane know? – Yes, she did.*

[*know*]

(28) *Did Jane know? – No, but Mary did.*

did: subst. [knew]

(Halliday & Hasan, 1976:171)

ELIPSE E SUBSTITUIÇÃO EM RÉPLICAS

São aqui apresentados dois tipos de réplicas: o que envolve apenas elipse e o que envolve elipse e substituição.

Empregamos o termo réplica (*rejoinder*) para referir-nos a um enunciado que imediatamente segue um outro, por um falante distinto e que coesivamente se relaciona a ele. No caso de pergunta, a réplica se apresenta na forma de resposta. A resposta, por sua vez, pode ser **direta** ou **indireta**. Uma resposta **direta** é aquela que responde a uma pergunta de sim/não ou tipo *wh-*. A resposta indireta é aquela que apresenta algum comentário sobre a pergunta ou que nega sua relevância, ou então fornece informação suplementar, como em:

(29) *How did they break in? – I'll show you how* (comentário)

(30) *Why didn't you tell John? – I did* (negação)

(31) *Did you tell John? – He wasn't there* (resposta suplementar-> "*so I couldn't*")

(Halliday & Hasan, 1976:208)

Outras seqüências que envolvem réplica não envolvem necessariamente o processo pergunta-resposta, ou seja não aparecem respondendo a uma pergunta.

Alguns exemplos de réplicas que não são respostas a perguntas encontram-se abaixo:

a. *It's going to rain –*

(i) *It might.* (ii) *It isn't.* (iii) *Is it?*

(anuência) (contradição) (pergunta de sim/não)

b. *Leave me alone –*

(i) *I won't* (ii) *All right, I will* (iii) *Why?*

(recusa) (consentimento) (pergunta com Qu-)

(Halliday & Hasan, 208)

No que acabamos de exemplificar temos réplicas coesivas por parte de um segundo falante. Porém, não podemos dizer que os enunciados constituam respostas diretas, visto que seus itens pressupostos não são perguntas: o item (a) é asserção e o (b) é comando.

Cabe observar que os significados de "yes" e "no" ocorrem mais freqüentemente como réplicas a enunciados, ao invés de respostas a perguntas. Nesses ocasiões, o "yes" e o "no" figuram como 'I agree', 'I understand' ou 'I'm listening', que é o que mantém o canal da comunicação acerto:

(32) *The soloist wasn't very inspiring. – no, he seemed rather tired.*

(33) *The car's running very well. – Yes, I had it serviced recently.*

(Halliday & Hasan, 1976:209)

Nos dois exemplos, tanto 'yes' como 'no' significam concordância.

Em todos os casos citados o tipo de elipse é oracional total ou parcial proposicional.

Finalmente apontamos os casos que envolvem o uso de *so*, *nor/neither* em enunciados nos quais o segundo falante concorda com o primeiro ou dele discorda. São casos que constituem exemplos de elipse e substituição como em:

- (i) (ii)
a. *Hens lay eggs. So they do! So do turkeys.*
b. *Hens don't fly. So they don't Nor/Neither do turkeys.*

(Halliday & Hasan, 1976:137)

Os casos da coluna (i) envolvem respostas exclamatórias e favorecem a informação nova e expressam concordância. É como se disséssemos '*now that you mention it, I see you're right*'. Tais casos envolvem elipse, sendo o *so* usado no sentido não coesivo de 'é verdade'.

Os exemplos da coluna (ii) são respostas que possuem alternativas como '*turkeys do (so) too*', '*turkeys don't (do so) either*' e por isso são tidas como formas de substituição verbal do tipo *do so*.

Em conclusão, substituição e elipse envolvem o mesmo processo, contudo, se manifestam de diferentes formas. O uso de formas elididas envolvendo o grupo verbal por exemplo, podem envolver substituição, e elipse. A diferença que envolve os dois recursos coesivos é mínima como a seguir:

(34) *Inspector (taking back the photograph): you recognize her?*

Mrs. Birling: No. Why should I?^
[recognize her]

Inspector: Of course she might have changed lately. But I can't believe she could have changed so much.

Mrs. Birling: I don't understand you, Inspector.

Inspector: You mean you don't choose to do, Mrs. Birling.

subst.[understand me]

(Halliday & Hasan, 1976: 114)

'*Why should I*' é elipse, mas poderíamos acrescentar *do*; enquanto que '*you don't choose to do*' envolve substituição, mas poderíamos omitir *do*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS COBUILD. (1990). *English Grammar*. London: Collins.
- HALLIDAY, M.A.K. (1985). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold.
- _____ & HASAN, Ruqaiya. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.